

contradições que dificultam a compreensão do que realmente é importante compreender acerca da sexualidade humana. Com efeito, as décadas de 1960 e 1970 apresentaram-se particularmente exuberantes, no que respeita a novas formas de encarar e vivenciar o sexo, em larga medida devido à libertação das mulheres do espartilho da reprodução, dissociando a actividade sexual da procriação, através da utilização da pílula contraceptiva. No entanto, a década de 1980, marcada por um aumento da violência sexual e pelo aparecimento da Sida, colocou em marcha um conjunto de significativas transformações. Nas palavras de Allen Gomes, 'o conceito de sexo seguro passa a envenenar o relacionamento sexual entre os indivíduos e a sexualidade dificilmente poderia ser a mesma' (p. 160). Como tal, a pornografia, as linhas eróticas, o sexo online, entre outros, passam a integrar, de modo mais vincado, o conjunto de comportamentos sexuais que oferecem segurança relativamente ao contágio.

A violação, a pedofilia e o abuso sexual de crianças formam o grupo temático do sétimo capítulo, sendo de salientar a preocupação do autor na clarificação destes conceitos, frequentemente tratados de forma indiscriminada pelos meios de comunicação social, podendo conduzir a uma desinformação da população em geral. Atendendo a este facto, o autor refere que a violação 'é um acto de violência física, ou psíquica, exercido contra a liberdade da outra pessoa, obrigando-a a ter práticas sexuais que não deseja' (p. 185). No que diz respeito à pedofilia, esta é considerada como fazendo parte do grupo das parafilias, caracterizando-se pela presença de 'fantasias, impulsos ou comportamentos sexualmente excitantes e recorrentes envolvendo actividade sexual com crianças pré-púberes' (p. 192). Por sua vez, o abuso sexual de crianças corresponde a um conceito mais abrangente, salientando o papel do contexto social, sobretudo em relação ao abuso intrafamiliar (por exemplo, disfuncionalidade familiar, degradação social, consumo de álcool e drogas, etc.).

A ideia de que a comercialização da actividade sexual corresponde à instrumentalização de uma necessidade com fins económicos é transversal no capítulo dedicado à 'Comercialização do Sexo'. Assim, a prostituição, as sexshops e a pornografia são referidas como formas de obten-

ção de alívio sexual, expansão sexual, divertimento sexual, melhoria do status, possibilidade de estabelecer relações emocionais, sendo que, na opinião do autor, o seu consumo é o gerador da sua produção e não o contrário.

O penúltimo capítulo é dedicado a abordar alguns movimentos surgidos, em particular, nos Estados Unidos, e relacionados com memórias de abuso sexual 'recuperadas' em contextos terapêuticos, tendo tido um forte impacto, mas sabendo-se também que, em muitos casos, corresponderão a falsas memórias. Sobre este assunto, o conceito de histeria é revisitado e visto numa perspectiva de 'sintoma cultural de ansiedade e stresse' (p. 242).

Por último, 'Com a Morte na Alma', somos conduzidos através de uma análise crítica do livro de Philip Roth, *The Dying Anima*, publicado em 2001, que serve de pretexto a Allen Gomes para a partilha de considerações acerca da riqueza das relações entre as pessoas, do ciúme, da sedução, do vínculo sexual e do poder.

Ana Galhardo

Instituto Superior Miguel Torga

George Steiner. 2005. *A Ideia de Europa*, Prefácio de José Manuel Durão Barroso. Ensaio introdutório de Rob Riemen. Tradução: Maria de Fátima St. Aubyn. Lisboa: Gradiva. 64pp. ISBN 989-616-022-8.

A ideia de Europa é sobreponível às grandes ideias humanistas. Pensar o humanismo, as ideias que transformaram o Homem e o Mundo, é pensar a cultura que nasceu e floresceu na Europa através dos séculos, nobilitando o espírito, fazendo resvalar para a penumbra ou escuridão dos tempos a nobreza de nascimento.

É no convívio com as obras dos poetas, dos prosadores, dos que fazem a leitura do quotidiano pelo viés da pensabilidade dos factos, dos que interiorizam as vivências desenvolvendo-as em objectos de arte, dos que enfim enunciaram doutrina e fixaram o futuro em aproximações transcendentais, que o homem supera o possível da sua condição animal e rivaliza com a divindade.

Europa, que foi lida como pequena península da Ásia, acumulou ao longo dos tempos, desde a remota pré-história que registou em grutas de Espanha e França as iniquidades dos nosso distantes antepassados até, se quisermos, e como mero registo, as narrativas fílmicas de Pier Paolo Pasolini ou a *Recherche* de Marcel Proust, o *Moisés* de Miguel Ângelo ou as cidades de Nadir Afonso, o *Quijote* de Cervante ou a lírica de Goethe ou Herberto, as harmonias de Mozart ou os equilíbrios de Le Corbusier, o pensamento de Espinoza ou as rupturas de Picasso. Europa é porque recolheu no seu seio os elementos espirituais e materiais que fazem dela o mais irradiante farol da civilização universal.

Podemos sobressaltar-nos na leitura da sua história, do nascimento no rumorejar dos rios mediterrânicos à explosão do gótico, explorar o mítico rapto genésico e explicar o crescimento do sentimento de nacionalidade e as consequências das catástrofes da revolução económica que apagaram da vida económica a ordem superior das relações humanas. Mas o que importa que as novas gerações compreendam não é os ditames que conduziram a que por todo o espaço europeu, depois da explosão dos nacionalismos, perdessem o sentido do comum que os avanços tecnológicos pareciam aproximar mas que afinal desconcertou a espiritualidade por via da educação nacionalista que acabou por fazer perder de vista a verdadeira fonte dos seus valores.

O que Steiner nos traz na preciosa obra de que nos ocupamos, num estilo de aprazível leitura, é a solerte abertura à compreensão de a *ideia* de Europa pela via de novos significados, fundados substantivamente na intemporalidade das obras clássicas da cultura que aqui floresceu, transcendendo a morte, interrogando-nos, enfim fazendo-nos outros, mudança só possível no encontro com a 'tradição, o facto e o conhecimento', fazendo coincidir cultura com qualidade de vida.

Razão para estarmos atentos ao 'fascismo da vulgaridade...de censura de mercado e de 'economia do conhecimento', à corrupção intelectual que vem afastando as gerações actuais do cultivo da nobreza do espírito, quando as cadeiras do Poder albergam néscios que quotidianamente atentam contra a dignidade humana.

Steiner agarra-nos para a compreensão da 'ideia de Europa' a partir da substância

das coisas. Para abrir o apetite a quem lê esta breve resenha, apenas este momento, digo, monument :

'A Europa é feita de cafetarias, de *cafés*. Estes vão da cafetaria preferida de Pessoa, em Lisboa, aos *cafés* de Odessa frequentados pelos *gangsteres* de Isaac Babel. Vão dos *cafés* de Copenhaga, onde Kierkgaard passava nos seus passeios concentrados, aos balcões de Palermo. Não há *cafés* antigos ou definidores em Moscovo, que é já um subúrbio da Ásia. Poucos em Inglaterra, após um breve período em que estiveram na moda, no século XVIII. nenhuns na América do Norte, para lá do posto avançado galicano de Nova Orleães. Desenhe-se o mapa das cafetarias e obter-se-á um dos marcadores essenciais da 'ideia de Europa' (p.26).

O *café* como lugar de respiração e sobrevivência, espaço de conspiração ou criatividade, foi sendo o lugar geométrico de todas as descobertas, como nos diz Steiner, 'Enquanto existirem cafetarias, a 'ideia de Europa' terá conteúdo'.

Mas a Europa é também o espaço que se pode *percorrer a pé*, sem acidentes geográficos ou distâncias que nos derrotem, solidificando uma 'uma relação essencial entre a humanidade europeia e a sua paisagem':

'Metaforicamente, mas também materialmente, esta paisagem foi moldada, humanizada, por pés e mãos. Como em nenhuma outra parte do globo, as costas, os campos, as florestas e os montes da Europa, de La Coruña a S. Petersburgo, de Estocolmo a Messina, tomaram forma, não tanto devido ao tempo geológico como ao tempo histórico-humano' (p.28).

Moldar e modelar a Europa em passadas militares ou reflexivos passeios marcados pela toponímia, onde avultam os grandes nomes e as datas relevantes da sua história, perpassa no texto steineriano numa tão luminosa explicação que a memória se torna em exaltante reencontro com a grandeza do espírito, com a fome e a sede de cultura que impuseram este *conteúdo* sobre o tempo, e nos podem tornar transcendentemente dignos.

Não cabe, na brevidade deste registo, uma longa peregrinação pelo texto algo breve de George Steiner, que é fundamentalmente um alerta para que a 'ideia de Europa' não caia 'naquele grande museu de sonhos passados a que chamamos História', sendo antes a substância interrogante capaz de empolgar as gerações para que a *ideia* 'dependa menos

de um banco central e dos subsídios à agricultura, do investimento em tecnologia ou de taxas alfandegárias comuns...Pode ser que a OCDE ou a OTAN, a maior extensão do Euro ou das burocracias parlamentares segundo o modelo do Luxemburgo não constituam a dinâmica primordial da visão europeia'. (p.48). Pode ser, se para tanto acordarmos da letargia em que o consumismo e o laxismo transformaram o nosso tempo.

Fica o nosso convite para uma leitura desta obra que, se torna mais claro o que falamos quando falamos de Europa, pela clareza do pensamento e luminosidade da escrita nos toma e nos torna mais lúcidos, num diria comovido apelo à vivência dos bens culturais, em frontal repúdio pelas ignaras proclamações em circulação.

'Se os jovens ingleses escolhem classificar David Beckham acima de Shakespeare e Darwin na lista de tesouros nacionais, se as instituições culturais, as livrarias e as salas de concertos e teatro lutam pela sobrevivência numa Europa que é fundamentalmente próspera e onde a riqueza nunca falou tão alto, a culpa é simplesmente nossa' (pp.54-55).

É culpa nossa, das políticas que temos, da Escolas que somos, da comunicação social que aceitamos, das personalidades que elegemos. Tudo se alia para entronizar a passiva aceitação do imediato e afastar a reflexão sobre o nosso próprio destino, num outro holocausto dos superiores valores da dignidade humana.

'É entre os filhos frequentemente cansados, divididos e confundidos de Atenas e Jerusalém que poderíamos regressar à convicção de que 'a vida não reflectida' não é efectivamente digna de ser vivida' (p.55).

José Henrique Dias
Instituto Superior Miguel Torga

Liliana Sousa. 2005. *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto Editora. 145 pp. ISBN: 989-558-049/05.

Este foi um daqueles livros que, mesmo antes de aparecer nas livrarias, já me despertava grande interesse, nomeadamente pelo contacto que tive com o trabalho de investigação

que estava a ser desenvolvido, e que veio a servir de suporte à obra, e também pelo mérito que reconheço à autora.

A problemática tratada assume profunda relevância para a intervenção dos assistentes sociais e de outros técnicos que trabalham em serviços que acompanham o que a autora prefere designar como 'famílias em permanente crise que procuram o equilíbrio'.

Apesar da relevância do tema, esta é uma área ainda pouco explorada pelos investigadores e, em Portugal, só agora introduzida, pelo que o livro deve ainda merecer maior destaque, sendo, na bibliografia das disciplinas que lecciono na área dos sistemas sociais, uma referência já obrigatória, a par de outras duas obras assinaláveis relativamente a esta matéria. Refiro-me à compilação de M. Colett e J. L. Linares, *La Intervención Sistémica en los Servicios Sociales Ante la Familia Multiproblemática: La Experiencia de Ciutat Vella*. Barcelona: Paidós, 1997; e à monografia de P. Minuchin, P. J. Colapinto e S. Minuchin, *Pobreza, Institución, Familia*, Buenos Aires: Amorrortu, 2000. E ainda um artigo sobre a 'Família Multiproblemática ou Multiassistida' de uma autora portuguesa que assume autoridade relativamente ao sistema familiar numa obra a reler sempre que possível, M. Alarcão, *(Des)equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quateto, 2000).

Enraizada numa perspectiva sistémica e marcadamente construcionista, Liliana Sousa introduz o tema, chamando, desde logo, a atenção para a baixa incidência de famílias multiproblemáticas. Ao contrário do que possa pensar-se, estas famílias representam apenas 6% das famílias que acedem a serviços de apoio social. No entanto, empiricamente, parecem representar uma percentagem mais significativa, pois calcula-se que metade do volume e tempo de trabalho dos técnicos seja absorvido na intervenção junto destas e com resultados geralmente frustrantes. A espectacularidade de problemas, a desorganização, o caos na interacção e comunicação, as estórias familiares pontuadas de acontecimentos negativos e trágicos, a quantidade e variedade de problemas e de serviços envolvidos na sua resolução, assim como a falta de soluções e de sucessivos fracassos dessa mesma intervenção, contribuem, em muito, para uma imagem de 'beco sem saída' e para a construção de estereótipos e ideias erróneas na abordagem conceptual e interventiva a estas famíli-